

Reflexões sobre a escrita e a produção acadêmicas

Reflections on Academic Writing and Research

Ilane Ferreira Cavalcante

ilane.ifrn@gmail.com

Instituto Federal do Rio Grande do Norte

<https://orcid.org/0000-0002-1783-9879>

Fecha de Recepción: 10 de junio de 2026

Fecha de Aceptación: 01 de julio de 2026

DOI: <https://doi.org/10.61447/20260630/edit>

Como Citar: Ferreira Cavalcante, I. (2026). Reflexões sobre a escrita e a produção acadêmicas. *Discimus. Revista Digital De Educación*, 5(2), 5-10. <https://doi.org/10.61447/20260630/edit>



Resumen

El texto analiza el impacto de la inteligencia artificial en las prácticas de escritura académica, técnica y científica, destacando tanto sus posibilidades pedagógicas como sus riesgos éticos, cognitivos y laborales. Se sostiene que la IA puede contribuir al aprendizaje, la investigación, la argumentación y la producción textual, siempre que sea utilizada como herramienta de apoyo y no como sustituto del pensamiento crítico. Asimismo, se enfatiza la necesidad de verificar la información generada, revisar las fuentes y preservar la autoría responsable en contextos donde la producción discursiva tiende a volverse híbrida entre humanos y máquinas. El documento también expone los principios fundamentales de la escritura académico-científica: claridad, precisión, comunicabilidad y coherencia, los cuales permiten construir textos comprensibles, rigurosos y metodológicamente fundamentados. Finalmente, se resalta la importancia del uso ético de las citas directas e indirectas, así como de la consulta de referencias confiables, para garantizar la validez del discurso académico. En conjunto, el texto concluye que la inteligencia artificial puede ser un recurso valioso en la educación y la escritura científica, siempre que se integre de manera crítica, reflexiva y responsable.

Palabras Clave

Inteligencia artificial, escritura académica, pensamiento crítico, ética académica, producción científica, autoría híbrida.

Abstract

The text analyzes the impact of artificial intelligence on academic, technical, and scientific writing practices, highlighting both its pedagogical potential and its ethical, cognitive, and occupational risks. It argues that AI can contribute to learning, research, argumentation, and text production, provided it is used as a support tool and not as a substitute for critical thinking. It also emphasizes the need to verify the information generated, review sources, and preserve responsible authorship in contexts where discourse tends to become a hybrid of human and machine input. The document further outlines the fundamental principles of academic and scientific writing—clarity, precision, communicability, and coherence—which enable the creation of texts that are comprehensible, rigorous, and methodologically sound. Finally, it highlights the importance of the ethical use of direct and indirect citations, as well as consulting reliable references, to ensure the validity of academic discourse. Overall, the text concludes that artificial intelligence can be a valuable resource in education and scientific writing, provided it is integrated in a critical, reflective, and responsible manner.

Keywords

Artificial intelligence, academic writing, critical thinking, academic ethics, scientific output, hybrid authorship.

Resumo

O texto discute a produção acadêmica e científica a partir da relação entre escrita, pensamento crítico e uso das inteligências artificiais. A autora argumenta que a IA pode contribuir para a pesquisa, a organização de ideias e a aprendizagem, mas não deve substituir a reflexão humana, pois a escrita acadêmica exige autoria, responsabilidade intelectual, verificação de informações e posicionamento crítico. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de compreender a IA como ferramenta de apoio, especialmente no campo educacional, sem desconsiderar seus impactos sobre autoria, plágio, trabalho docente, validação de dados e dependência tecnológica. O texto também enfatiza que a produção acadêmico-científica requer adequação a normas, gêneros e etapas específicas, orientando-se por quatro princípios fundamentais: clareza, precisão,



comunicabilidade e consistência. A clareza refere-se à construção de enunciados compreensíveis e objetivos; a precisão exige o uso criterioso de termos, dados e referências; a comunicabilidade pressupõe organização lógica e linguagem acessível; e a consistência envolve coerência, coesão, fundamentação teórica e uniformidade linguística. Por fim, a autora aborda o uso ético do discurso alheio, diferenciando citação direta e indireta e ressaltando a importância de respeitar o sentido original das fontes. Conclui-se que escrever academicamente implica articular pensamento crítico, domínio da linguagem formal, responsabilidade ética e capacidade de argumentação fundamentada.

Palavras-chave

Inteligência artificial, redação acadêmica, pensamento crítico, ética acadêmica, produção científica, autoria híbrida.

*“Aprenda a escrever, aprendendo a pensar”
(Othon Moacir Garcia, *Comunicação em Prosa Moderna*)*

Introdução

A produção acadêmica e científica constitui uma prática essencial para a construção, sistematização e divulgação do conhecimento. Nesse processo, a escrita não deve ser compreendida apenas como um instrumento de registro de ideias, mas como uma atividade intelectual que exige reflexão crítica, domínio da linguagem formal, organização lógica do pensamento e responsabilidade ética. Diante do avanço das inteligências artificiais e de sua crescente presença nos ambientes educacionais, torna-se necessário discutir seus usos, limites e implicações na autoria, na pesquisa e na formação dos sujeitos. Assim, o presente texto aborda os principais elementos que caracterizam a escrita acadêmico-científica, destacando a importância da clareza, da precisão, da comunicabilidade, da consistência e do uso adequado das fontes.

Desenvolvimento

Sempre que nos deparamos com a tarefa de escrever algo, acabamos por perceber que essa não é uma atividade fácil. Muitas vezes ficamos diante da folha em branco, nos questionando como começar. Que estrutura elaborar? Que linguagem utilizar? Essas questões são fundamentais, mas atualmente cada vez mais pessoas têm recorrido aos recursos das inteligências artificiais. Esse não seria um equívoco se elas apenas ajudassem na construção inicial do texto, mas pode se tornar um grande problema quando deixamos para ela toda a construção do texto. As perguntas que fazemos diante da folha em branco não só guiam nossa produção, elas desenvolvem o senso crítico.

A Inteligência Artificial (IA) não pode substituir o nosso pensamento e a nossa capacidade de construir novas reflexões, porque isso irá limitar, em longo prazo, a nossa própria condição cognitiva. A IA é uma ferramenta que pode simplificar o trabalho de humanos, mas também pode substituí-los em alguns casos.

Na educação, ou seja, nos processos de produção de conhecimento, pode ser utilizada para aprendizagem de conteúdos mais complexos, também para a autoaprendizagem. Pode democratizar o acesso às informações, mas essas informações, antes de serem assumidas como verdade, precisam ser cheçadas. Podem ser úteis nos processos pedagógicos mediados por tecnologias, lembrando que esses usos podem minimizar ou precarizar o trabalho dos professores.

As IA também põem em xeque aspectos de autoria, plágio e fonte. É cada vez mais necessário compreender que as autorias estão se tornando híbridas (homem /máquina) e isso nos levará a rever também os processos de validação de dados, de resultados de pesquisa, de avaliação de produções.

Ao fim e ao cabo, as IA já interferem também nas vagas de emprego, na perda de limites entre público e privado, na dependência tecnológica, que são problemas estruturantes que impactam diretamente na vida humana.

O mais coerente, portanto, diante do fator irreversível de utilização das IA nas produções técnicas, acadêmicas e científicas, é que os agentes da educação (professores,

principalmente) desenvolvam estratégias de trabalho com essa ferramenta em sala de aula. É possível utilizar as IA para trabalhar aquilo que ela mesma facilita: a pesquisa, a argumentação, a reflexão crítica, a produção textual. Fazer perguntas que permitam ao estudante usar a IA para pensar, para refletir e para argumentar pode ser um caminho. Por exemplo, ao invés de avaliar o texto produzido, por que não avaliar as perguntas que o geraram? Ao invés de avaliar a resposta (correta ou incorreta), por que não avaliar o caminho que levou o estudante a ela? Além disso, sempre desenvolver o processo de revisão do texto elaborado (verificação da coerência, dos dados e referências, dos fatos elencados) também pode ser um bom exercício.

Isso posto, precisamos compreender bem os aspectos que constituem a produção de um gênero da esfera acadêmica, a sua linguagem, reconhecendo que inteligência artificial ou mesmo apenas talento para a escrita não bastam, porque não podemos colocar no papel apenas aquilo que vimos, sentimos ou sabemos, é preciso adequação a um estilo específico de texto, a uma série de normas, a uma série de etapas.

Os textos de natureza técnica, científica e acadêmica seguem alguns princípios que podem ser resumidos em quatro pontos fundamentais: **clareza**, **precisão**, **comunicabilidade** e **consistência** sobre os quais vamos nos debruçar um pouco.

Em primeiro lugar, a **clareza**, diz respeito à uma construção textual que não deixa margem a muitas interpretações. Diferente da linguagem mais pessoal e literária, os textos acadêmicos se amparam na capacidade de dizer exatamente e diretamente o que se propunha. Para alguns autores, como Cerro e Bervian (2002), isso implica em dizer que tudo o que for escrito deve ser perfeitamente compreensível pelo leitor. Assim, é importante que o autor leia cuidadosamente o que escreveu como se fosse o próprio leitor. Uma linguagem muito rebuscada, que utiliza termos desnecessários, desvia a atenção de quem lê e pode confundir. Isso não significa que precisamos ser vulgares, ou devamos ser coloquiais. Um texto é **claro** quando utiliza uma linguagem simples, direta e precisa, isto é, quando cada palavra empregada traduz exatamente o que se deseja transmitir. Isso nos leva, portanto, a outro aspecto.

A linguagem acadêmica também deve ser **precisa**, o que implica em dizer que as palavras e seus outros elementos do texto (figuras, gráficos, tabelas, etc.) necessitam ser decodificadas pelo leitor à medida que este percorre o texto. Palavras e imagens devem ser escolhidas com cuidado. É mais fácil ser **preciso** na linguagem acadêmica do que na literária, na qual a escolha de termos é bem mais ampla. De qualquer forma, a seleção dos termos e a cautela no uso de expressões coloquiais devem estar sempre presentes na redação acadêmica. Expressões como "nem todos", "praticamente todos", "vários deles" são interpretadas de formas diferentes e tiram força das afirmações quando não vêm acompanhadas de referências. Será sempre melhor utilizar expressões como: "cerca de 90%", "menos da metade", ou ainda com maior precisão: "93%", "40%". Lembrando, sempre, que, ao utilizarmos medidas, precisamos estar baseados em dados que devem ser retirados de estudos, de pesquisas, de fontes confiáveis. Convém escolher criteriosamente o material que será utilizado no texto de uma dissertação, tese, monografia, relatório ou artigo. O autor deve selecionar a informação disponível e apresentar somente o que for relevante. Esse aspecto é ainda mais importante em textos mais curtos, caso de um artigo, em que a concisão é geralmente desejada pelo leitor.

Na linguagem técnica, acadêmica ou científica é fundamental **comunicar-se** bem. Os temas devem ser abordados de maneira direta e simples, com lógica e continuidade no desenvolvimento das ideias. É muito desagradável uma leitura em que frases substituem simples palavras ou quando a sequência das ideias apresentadas é interrompida atrapalhando o entendimento. Ou mesmo, quando o autor, querendo demonstrar conhecimento, utiliza vocabulário arcaico ou não usual. É evidente que, ao discutirmos conceitos específicos de determinadas áreas, nem sempre os termos são fáceis ou usuais, mas a **comunicabilidade** exige, nesses casos, que se explique, exatamente, o sentido com que aquele termo está sendo utilizado e, inclusive, se utilize de exemplos ou ilustrações que facilitem a compreensão.

Já a **consistência** é a capacidade que um texto tem de ser coerente e coeso e, ao mesmo tempo, bem fundamentado teórica e metodologicamente. Um texto consistente apresenta uniformidade. A consistência pode ser considerada sob três dimensões: o uso da norma padrão da linguagem; a organização lógica das ideias desenvolvidas e a sequência da apresentação dessas ideias.

O texto acadêmico-científico circula em meios que prezam pela formalidade no uso da linguagem. Escrever indevidamente pode demonstrar ignorância ou desleixo. Assim, é importante que esse tipo de texto apresente uniformidade gramatical, por exemplo. E isso não diz respeito apenas à correção de termos e expressões, mas a seu uso uniforme. Se o autor faz uma enumeração, por exemplo, o ideal é usar de paralelismo sintático-semântico ao iniciar cada item. Não estamos nos referindo apenas ao uso da gramática, ou da norma padrão da linguagem, mas ao seu uso uniforme ao longo do texto

Também é relevante organizar um plano de como o texto será organizado e dividido, lembrando que, quanto mais divisões em tópicos, mais cuidado é preciso ter na organização lógica entre esses diferentes tópicos. Isso leva diretamente à sequenciação do texto.

A sequência adotada para a apresentação do conteúdo deve refletir uma organização lógica, mas nem sempre essa sequência precisa ser óbvia, como uma sequência cronológica, por exemplo. Existe, em qualquer enumeração, uma lógica inerente ao assunto, do mais amplo para o mais particular, por exemplo. Uma vez detectada, essa lógica determinará a ordem em que capítulos, seções, subseções e quaisquer outros elementos devem aparecer.

Ao produzir textos, também sempre remetemos a textos de outras pessoas para reforçar ou comprovar nossas ideias, ou mesmo para fazer nosso interlocutor aceitá-las como verdade. Nossos discursos são, em geral, mesmo quando não tem essa intenção explícita, de cunho argumentativo, pois pretendem que os outros aceitem nossas ideias e ajam conforme nossos “conselhos e dicas”. O uso do discurso alheio, portanto, procura dar credibilidade a nosso discurso.

Existem duas grandes possibilidades de uso do discurso alheio: a citação direta e a citação indireta, que podem se desdobrar em outras possibilidades, se adaptando ao estilo de cada autor. A citação direta faz um recorte *ipsis litteris* do texto citado, sem modifica-lo. No entanto, o uso dessa citação permite que o autor citante possa recortar parcialmente o texto, inserindo um marcador de recorte indicando o local em que o texto foi recortado (em geral reticências entre colchetes [...]). Também é possível fazer recortes muito pequenos do autor citado, como uma pequena ilha dentro do texto do autor citante, sempre em destaque, para ficar claro para o leitor de que se trata do texto de outrem. Essas são possibilidades que

respeitam o discurso citado. Nesse sentido, seguindo a ética do uso do discurso alheio, é importante lembrarmos de que o uso do texto de outros autores deve sempre respeitar e ser coerente com o que esses autores defendem em seus textos originais.

Já a citação indireta nos permite maiores possibilidades, ela é sempre uma tradução do texto do autor citado, utilizando as palavras próprias do autor citante. Dessa forma, o mais relevante é sempre indicar que as afirmações utilizadas foram amparadas na leitura do autor citado, colocando entre parênteses o sobrenome do autor e o ano da publicação do texto citado.

Todas essas questões desembocam na ética. Precisamos ter cuidado, nas produções textuais, ao utilizar citações de outras pessoas. Ao recortar um texto para citá-lo como base ou complemento de seu discurso, observe se ele está coerente com o que você afirma. Pois, muitas vezes, incorremos no erro de acharmos interessante uma afirmação de um autor que em um fragmento parece concordar com o que queremos afirmar, mas pode, dentro de um contexto mais amplo, contradizer o que pregamos. Esse cuidado é necessário, principalmente, quando o texto que produzimos vai ser alvo de avaliação por uma banca ou por um professor, numa disciplina ou mesmo para publicação em um periódico de natureza acadêmica ou científica. O fato é que, como citamos apenas fragmentos dos discursos alheios, podemos correr o risco de estarmos utilizando as ideias dos outros incorretamente. A utilização de qualquer uma dessas formas de citar o discurso alheio também está associada ao gênero textual e às estratégias utilizadas pelo autor citante. Para criar, por exemplo, efeito de autenticidade, mostrar-se supostamente neutro, não aderir ao que é dito ou até mesmo revelar inteira adesão, o enunciador citante recorre ao discurso direto e à ilha textual. Nos gêneros acadêmicos, técnicos e científicos, as formas de citar tendem a ser variadas, tanto para alternar o padrão estilístico das citações quanto para permitir, ao autor citante, a consolidação das mais diversas intenções.

Referências

- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (2002). **Metodologia científica** (5.ª ed.). Prentice Hall.
- Cavalcante, I. F. (2021). *Produção do texto científico*. IFRN.
- Garcia, O. M. (2001). **Comunicação em prosa moderna** (20.ª ed.). FGV.